



Fitoterapia na visão dos profissionais da saúde na Atenção Primária

*José Fernando Camargo, Eurislene Moreira Antunes Damasceno, Sibele Nascimento de Aquino,
Luiza Augusta Rosa Rossi Barbosa, Fernanda Miranda Ribeiro*

Introdução

Os fitoterápicos são medicamentos obtidos através de plantas medicinais, utilizando-se somente derivados de droga vegetal, devendo ter garantia de qualidade, atividade farmacológica comprovada e composição padronizada [1]. Considera-se planta medicinal, todo vegetal que, por possuir princípios ativos curativos se usa em terapêutica e que proporcionam ação benéfica sobre o organismo enfermo [2].

A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece oficialmente o uso de fitoterápicos desde a Declaração de Alma-Ata (1978) [3]. O Ministério da Saúde (MS) definiu como uma das prioridades o estudo de plantas medicinais e foi lançado pela Central de Medicamentos (Ceme) o Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais (PPPM), objetivando-se o desenvolvimento científico dos tratamentos alternativos e complementares, para validação das atividades farmacológicas de preparações a base de plantas medicinais [4].

Segundo OMS, o Brasil é o país de maior biodiversidade do planeta que, associada a uma rica diversidade étnica e cultural detém um valioso conhecimento tradicional associado ao uso de plantas medicinais, as quais possuem potencial para desenvolvimento de pesquisas com resultados em tecnologias e terapêuticas apropriadas [3]. Há crescente interesse e busca pela medicina tradicional e pela Fitoterapia que ocorre devido à vigente carência de recursos dos órgãos públicos de saúde e incessantes aumentos de preços nos medicamentos alopáticos, bem como dos efeitos colaterais apresentados por alguns destes medicamentos [5]. A investigação acerca do uso de plantas, principalmente em comunidades em países tropicais, tornou-se uma exigência urgente, pois essas estão sofrendo transformações econômicas e culturais constantes, afetando profundamente as culturas tradicionais [6].

Em países emergentes e subdesenvolvidos, o uso de plantas medicinais pela população representa importante alternativa na prevenção, tratamento e cura de processos mórbidos. Dessa forma, o fácil acesso e o baixo custo estimulam a utilização indiscriminada de inúmeras variedades de plantas que podem prejudicar a saúde dos indivíduos, sem a devida orientação de profissionais capacitados [6].

Diante do exposto, o objetivo desse estudo foi avaliar o conhecimento dos profissionais da saúde do Programa Saúde da Família sobre o uso de plantas medicinais e fitoterápicos tendo em vista o estímulo da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos no Sistema Único de Saúde bem como dos benefícios da utilização das plantas medicinais na atenção primária como forma alternativa de assistência à população.

Material e métodos

Dados parciais de uma pesquisa de campo, transversal, quantitativa e descritiva desenvolvida nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) da zona urbana do município de Montes Claros – MG, no período de janeiro a julho de 2015. Responderam a um questionário médicos, dentistas e enfermeiros que trabalham nessas unidades e que tiveram disponibilidade para participar da pesquisa.

O questionário englobou dados sociodemográficos e questões sobre presença ou não de disciplina de plantas medicinais e fitoterápicos na graduação, sua importância em cursos na área da saúde, e também sobre o conhecimento do programa do governo a respeito da política nacional das plantas medicinais na atenção primária como forma terapêutica.

Resultados e Discussão

Foram entrevistados 81 profissionais, sendo 81,0% do sexo feminino. Quanto à profissão, 25,9% eram médicos, 39,5% dentistas e 34,5% enfermeiros.

Observou-se que 19,0% dos respondentes cursaram a disciplina sobre plantas medicinais e fitoterápicos durante a graduação. Estudo semelhante realizado com médicos na Estratégia Saúde da Família de Caicó, Rio Grande do Norte,



relatou-se que 22,0% cursaram tal disciplina [7]. Outro estudo com um grupo de 105 cirurgiões-dentistas, no exercício dos serviços público e privado, do município de Anápolis-GO, comentou que 16,0% tiveram embasamento teórico acerca da fitoterapia e metade destes relatou ter tido esse conteúdo na graduação [8].

Sobre a importância de ter na graduação formação relativa a plantas medicinais e fitoterápicos, 86,4% dos profissionais do presente estudo consideraram importante esse conhecimento. A iniciativa desse conteúdo na formação dos profissionais de saúde pode ampliar o leque de conhecimento devendo ser uma medida a ser expandida e reproduzida nas universidades brasileiras. Não há estímulo ao uso de plantas medicinais por falta de conhecimento aprofundado sobre essa prática [7], o que gera, por parte do enfermeiro, uma desqualificação na assistência, pois este é o primeiro profissional a ter contato direto com a população, precisando assim de orientações científicas para garantir a eficácia da terapêutica e a segurança da clientela [9].

Quanto ao conhecimento sobre a política nacional das plantas medicinais na atenção primária como forma terapêutica, 67,9% não conhece o programa. Estudo realizado em Teresina, Piauí, a respeito da percepção de oito gestores em saúde e 68 profissionais da estratégia saúde da família (36 enfermeiros, 18 médicos e 14 odontólogos) verificou-se que 85,3% não tiveram contato nem conhecimento com alguma política pública sobre fitoterapia. Alguns relataram ter o conhecimento da existência de tais políticas, mas não souberam descrever quais, apenas linhas gerais de incentivo a fitoterapia pelo ministério da saúde [10].

Conclusões

Apesar dos dados obtidos serem parciais, visto que a pesquisa ainda se encontra em andamento, este estudo demonstrou que a maioria dos profissionais não teve na sua formação disciplinas relacionadas a plantas medicinais e fitoterápicos, embora a maioria reconheça sua importância. Pode-se verificar que há um desconhecimento da política nacional das plantas medicinais na atenção primária como forma terapêutica.

Dessa forma destaca-se a necessidade da formação de recursos para esses profissionais, garantindo um suporte básico e trazendo benefícios à população. Torna-se significativo, portanto, que sejam desenvolvidas estratégias sobre fitoterapia, tornando uma realidade assistencial na atenção básica, preservando a cultura e a prática popular existente na região. Ressalta-se também a importância da inclusão de todos os profissionais na busca e na valorização dessa prática.

Referências

- [1] ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução-RE nº 88, de 16 de março de 2004. Lista de referências bibliográficas para avaliação de segurança e eficácia de fitoterápicos. Disponível em: <<http://www.anvisa.gov.br/medicamentos/fitoterapicos/index.htm>>. Acesso em: 12 maio. 2014.
- [2] RATERA, E. L.; RATERA, M. O. **Plantas de La fora argentina empleadas em medicina popular**. Buenos Aires: hemisfero sur, 1980. 189p.
- [3] ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE/UNICEF. Cuidados Primários de Saúde. Relatório da Conferência Internacional sobre Cuidados Primários da Saúde, Alma-Ata, URSS, 6 a 12 de setembro de 1978. Brasília: Ministério da Saúde, 1979. 64p.
- [4] BRASIL Ministério da Saúde. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos - Departamento de Assistência Farmacêutica. Distrito Federal, 2006.
- [5] SANTOS, M. L. **Atividade antifúngica in vitro de cinco espécies de plantas medicinais contra Trichophyton rubrum e Trichophyton mentagrophytes**. Dissertação (mestrado) -- Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Ciências Biológicas, Governador Valadares, MG, 2009.
- [6] AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica**, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988.
- [7] VARELA, D. S. S.; AZEVEDO, D. M. Saberes e Práticas Fitoterápicas de Médicos na Estratégia saúde da família. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12 n. 2, p. 204-213, 2014.
- [8] REIS, L. B. M. *et al.* Conhecimentos, atitudes e práticas de Cirurgiões-Dentistas de Anápolis-GO sobre a fitoterapia em odontologia. **Rev. odontol. UNESP** [online], vol.43, n.5, pp. 319-325, 2014.
- [9] SAMPAIO, L. A. *et al.* Percepção dos enfermeiros da estratégia saúde da família sobre o uso da fitoterapia. **Rev Min Enferm**, v.17, n1, p. 76-84, 2013.
- [10] FONTENELE, R. P. *et al.* Fitoterapia na Atenção Básica: olhares dos gestores e profissionais da Estratégia Saúde da Família de Teresina (PI), Brasil **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, vol.18 n.8 Rio de Janeiro ago. 2013.